Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil

Revista Cocar, Belém, V.24, N.42, p. 01-23, 2026 ISSN: 2237-0315

O Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM): organização, protagonismo e impactos na trajetória acadêmica indígena

El Movimiento de Estudiantes del Amazonas (MEIAM): organización, protagonismo e impactos en la trayectoria académica indígena

Lucas Antunes Furtado
Adriane Lemos dos Santos
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
Manaus/AM-Brasil

Resumo
O artigo analisa o Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) e seus impactos na trajetória acadêmica indígena. Busca compreender sua organização e os efeitos de suas ações na vida dos(as) acadêmicos(as). A pesquisa, de abordagem qualitativa e aprovada pelo CEP/UFAM (CAAE 85375624.0.0000.5020), fundamenta-se em reflexões de intelectuais indígenas e em achados obtidos por meio de documentos e da recolha de narrativas. Criado em 1993, o MEIAM promove o acesso, a permanência e a conclusão do ensino superior em Manaus(AM). Os resultados revelam que o MEIAM constitui um espaço de acolhimento, resistência e formação étnico-política, oferecendo suporte social, emocional e acadêmico que fortalece identidades, combate a marginalização e incentiva a permanência e o protagonismo indígena no ensino superior.
Palavras-chave: MEIAM; Movimento Indígena; Ensino Superior.

Resumen
El artículo analiza el Movimiento de Estudiantes Indígenas del Amazonas (MEIAM) y sus impactos en la trayectoria académica indígena. Busca comprender su organización y los efectos de sus acciones en la vida de los(as) académicos(as). La investigación, de enfoque cualitativo y aprobada por el CEP/UFAM (CAAE 85375624.0.0000.5020), se fundamenta en reflexiones de intelectuales indígenas y en hallazgos obtenidos a partir de documentos y relatos recopilados. Creado en 1993, el MEIAM promueve el acceso, la permanencia y la finalización de la educación superior en Manaus (AM). Los resultados revelan que el MEIAM constituye un espacio de acogida, resistencia y formación étnico-política, ofreciendo apoyo social, emocional y académico que fortalece las identidades, combate la marginación y fomenta la permanencia y el protagonismo indígena en la educación superior.
Palabras clave: MEIAM; Movimiento Indígena; Educación Superior.

O Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM): organização, protagonismo e impactos na trajetória acadêmica indígena

Introdução

Desde o contato entre os povos originários e os colonizadores, instaurou-se, de forma impositiva, o sistema-mundo eurocêntrico. Apesar do papel fundamental dos indígenas na formação do país e na constituição da sociedade pós-colonial, foram submetidos à escravidão e à subordinação. Essa condição gerou a negação do outro, encobrindo corpos, espíritos, ancestralidades e formas de organização social pré-colombianas, inaugurando um processo de negação da humanidade indígena que resultou no que Dussel (1993) denominou de primeiro holocausto moderno.

No caso específico do Brasil, a lógica do sistema-mundo manteve-se presente de forma objetiva e direta por mais de 300 anos. Isso significa que se produziu uma cultura de violência sacrificial que legitimou a submissão e a exploração daqueles que foram travestidos como bárbaros e inumanos. Esse processo histórico consolidou estruturas coloniais de poder que, mesmo após a Primeira República (1889-1930), continuaram a negar aos povos originários o reconhecimento pleno de sua cidadania e de seus direitos territoriais, culturais e políticos.

O Estado brasileiro, ao longo do século XX, manteve uma postura tutelar e assimilacionista, tratando as pessoas indígenas como incapazes e subordinando suas formas de organização social a modelos ocidentais de desenvolvimento. No entanto, esse cenário começou a se modificar diante dos movimentos indígenas organizados em nível local, regional e nacional a partir da década 1970. Em parceria com organizações populares da sociedade civil, os indígenas passaram a reivindicar, *a priori*, direitos relacionados à terra, à saúde e à educação. Tais questões foram materializadas na Constituição Federal de 1988.

A CF/88 assegura uma educação escolar indígena diferenciada, bilíngue e intercultural, pautada no respeito aos valores, conhecimentos e formas próprias de aprendizagem. Contudo, no que se refere ao ensino superior, tais garantias legais pouco contemplam o acesso, a permanência e as dificuldades enfrentadas pelos estudantes indígenas no cotidiano das universidades brasileiras.

No contexto universitário, a luta pelo reconhecimento e pela ocupação desses espaços é constante, marcada por experiências de preconceito e discriminação que reforçam estereótipos e visões generalizadas acerca dos povos indígenas. As manifestações de violência são diversas, abrangendo desde a negação do direito a uma educação de qualidade e ao respeito às diferenças culturais até críticas relacionadas à aparência, ao modo de vestir e

às variações linguísticas. Essas práticas evidenciam a persistência de um imaginário colonial que ainda influencia as relações acadêmicas.

Diante desse cenário, este estudo se justifica pela necessidade de conhecer e fortalecer os processos de acolhimento dos estudantes indígenas no ensino superior, reconhecendo que o acesso à universidade constitui um direito historicamente conquistado e assegurado pela legislação brasileira. A formação de movimentos sociais indígenas representa uma resposta coletiva aos desafios impostos por um paradigma institucional e cultural excludente, o qual continua a influenciar a vivência dos(as) acadêmicos(as) indígenas no ambiente universitário.

O presente artigo tem como objetivo compreender o processo de organização do MEIAM e os impactos de suas ações na vida dos(as) acadêmicos(as). Para alcançar esse objetivo, realiza-se uma historicização do processo de formação do movimento, destacando seu papel étnico-político no acolhimento dos estudantes e examinando os efeitos objetivos e subjetivos de sua atuação.

Os resultados da pesquisa indicam que o MEIAM, criado em 1993, consolidou-se como o principal agente de apoio aos jovens indígenas provenientes do interior do estado que ingressam no ensino superior na cidade de Manaus (AM). Diversos fatores excludentes motivaram a criação do movimento, que contribuiu para a implementação de políticas públicas inclusivas, como bolsas de permanência, reserva de vagas e cotas específicas, além da conquista da Casa dos Estudantes Indígenas, considerada um marco fundamental no processo de acolhimento.

Observa-se, ainda, o impacto positivo que o movimento tem exercido na vida acadêmica e pessoal de seus integrantes. Espera-se que este estudo contribua para ampliar a visibilidade da importância dos movimentos sociais indígenas e, em particular, do MEIAM, evidenciando seu papel na luta pelo direito à educação intercultural, no fortalecimento das identidades e trajetórias dos estudantes indígenas no ensino superior.

Cabe realizar alguns esclarecimentos a respeito da forma gramatical adotada nas citações diretas dos(as) interlocutores(as) da pesquisa. Optou-se pela transcrição fidedigna das narrativas obtidas nas entrevistas, preservando-se as expressões e construções linguísticas utilizadas pelos sujeitos. Essa escolha tem como finalidade respeitar a linguagem e as particularidades discursivas dos(as) participantes, reconhecendo-as como parte

constitutiva de seus modos de ser e de se expressar no mundo. Dessa maneira, as falas não foram ajustadas às normas da língua culta padrão, em consonância com o compromisso étnico e epistemológico de valorização das vozes indígenas e de promoção de uma comunicação mais autêntica com o movimento indígena em geral.

Aspectos Metodológicos da Pesquisa

A abordagem adotada nesta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, uma vez que busca compreender o processo de organização do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) e o impacto dessa experiência na vida acadêmica, social e identitária dos(as) estudantes indígenas. Essa abordagem possibilita uma imersão nos contextos culturais e sociais dos(as) participantes, permitindo captar significados, percepções e interpretações que transcendem números e estatísticas.

De acordo com Minayo (2004, p. 12), a pesquisa qualitativa visa "aprofundar o caráter do social e as dificuldades de construção do conhecimento que o apreendem de forma parcial e inacabadas". Essa concepção reforça a ideia de que compreender os fenômenos sociais requer um olhar atento às suas múltiplas dimensões e contradições, valorizando a subjetividade, a experiência e o contexto dos sujeitos pesquisados. Assim, a abordagem qualitativa configura-se como uma exigência epistemológica diante da necessidade de compreender, de modo ampliado, os processos de construção do conhecimento e as dinâmicas sociais que se expressam na trajetória dos(as) acadêmicos(as) indígenas.

A escolha dessa abordagem revela-se particularmente adequada para explorar os significados que os(as) estudantes indígenas atribuem à sua participação no MEIAM, considerando os impactos dessa vivência sobre suas trajetórias formativas, identidades étnicas e processos de resistência no interior da universidade. Tal perspectiva enfatiza o caráter interpretativo e dialógico do conhecimento, reconhecendo que este é construído na interação entre pesquisador e participantes. Ao dialogar com os modos próprios de produção de saber dos povos indígenas, a pesquisa qualitativa busca apreender a complexidade das relações sociais e dar visibilidade às vozes indígenas no ambiente acadêmico, valorizando suas narrativas como expressões legítimas de conhecimento, cultura e resistência.

Nesse contexto, o papel do pesquisador, guiado por princípios éticos e por sensibilidade cultural, demanda escuta atenta, respeito à alteridade e autorreflexão, visando evitar distorções das experiências dos(as) interlocutores(as). A abordagem qualitativa

prioriza a compreensão aprofundada das dinâmicas internas do MEIAM, revelando sentidos coletivamente construídos em torno da luta por reconhecimento, equidade e permanência no ensino superior, além de contribuir para uma reflexão crítica sobre as políticas de acesso e permanência de estudantes indígenas nas instituições de Manaus.

O estudo também foi desenvolvido a partir da pesquisa documental, com o objetivo de identificar e compreender os registros históricos e os documentos institucionais que nortearam o processo de criação e consolidação do MEIAM. Foram analisados o estatuto da organização e o projeto bienal *Manutenção, articulação e estruturação – 1996 e 1997* (MEIAM, 1995).

O uso de documentos permite uma leitura temporal dos processos sociais, possibilitando observar trajetórias, transformações e o amadurecimento de ideias, comportamentos, práticas e estruturas organizativas. Segundo Cellard (2008, p. 295):

> [...] uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante. Além disso, permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Complementarmente, recorreu-se à história oral temática, com o objetivo de compreender o que os sujeitos da pesquisa sabem, pensam, creem e experienciam em relação à sua trajetória acadêmica e à organização do MEIAM, bem como de correlacionar suas percepções com os registros oficiais. Essa técnica possibilita apreender como os(as) acadêmicos(as) percebem e interpretam suas vivências no universo universitário, contribuindo para o registro e a valorização de memórias coletivas e individuais. A história oral temática enriquece os dados documentais, permitindo identificar aspectos ainda não registrados pela documentação.

Nesse sentido, Meihy (1996, p. 13) ressalta que "a história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas", destacando seu potencial para captar experiências e significados no âmbito das relações humanas. Thompson (1992, p. 44), por sua vez, complementa ao afirmar que ela "[...] é uma história construída em torno da vida das pessoas". Já os procedimentos metodológicos da história oral devem ser cuidadosamente planejados, compreendendo as etapas de gravação, transcrição das entrevistas e análise dos conteúdos com base em categorias e conceitos previamente definidos.

A pesquisa é fruto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), desenvolvida no período de 2024 a 2025 e conduzida em conformidade com os princípios éticos estabelecidos pela Resolução n° 466/2012, tendo sido aprovada pelo CEP/UFAM (CAAE 85375624.0.0000.5020), com atenção especial à proteção dos direitos dos povos indígenas.

Para garantir a privacidade e a confidencialidade dos(as) participantes - todos(as) militantes-associados(as) ao MEIAM -, as informações foram tratadas com rigor ético, mediante a adoção do anonimato e o uso de pseudônimos (parente_1 a parente_4), assegurando-se que nenhum dado identificável fosse divulgado sem consentimento prévio.

Por fim, a pesquisa reafirma o compromisso ético de promover uma ciência comprometida com a transformação social, o diálogo intercultural e a valorização das epistemologias indígenas.

Caminhos da Análise: Vozes, experiências e significados

A análise articula as falas dos(as) interlocutores(as) ao referencial teórico, a fim de demonstrar como o Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) se configura como uma experiência coletiva marcada por desafios, estratégias de resistência e conquistas. As narrativas evidenciam impactos nas trajetórias pessoais e acadêmicas dos(as) estudantes indígenas, além de revelar dimensões políticas, sociais e culturais que dialogam com a literatura sobre movimentos sociais e ensino superior. Ao relacionar relatos e teorias, compreende-se como o MEIAM se consolida como um espaço de fortalecimento identitário, luta por direitos e de ampliação das condições de permanência universitária, alinhando-se ao objetivo central do estudo.

MEIAM e seus Processos Históricos

O Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) foi criado em 1993, em um contexto marcado pela Constituição de 1988, que fortaleceu o direito à educação diferenciada para os povos indígenas e incentivou maior conscientização acerca das desigualdades históricas produzidas por estruturas coloniais. Nesse contexto de luta e afirmação identitária, ecoam as palavras de Taukane (2001, p. 14), do povo Kurâ-Bakairi: "devemos construir nossa história, queremos falar da nossa caminhada e travessia, fazendo algo em prol de nós mesmos".

O MEIAM logo se tornou o principal representante dos(as) jovens estudantes indígenas do Amazonas, especificamente daqueles(as) que desejavam cursar o ensino

superior na capital do estado. MEIAM constituiu-se como um espaço de acolhimento e de apoio emocional, sociocultural e político. Ao longo de sua atuação, conquistou diversos benefícios que impactaram a vida daqueles(as) que fizeram parte do movimento.

Esse movimento estudantil cresceu politicamente e permanece atuante nas universidades do Amazonas, estabelecendo diálogos e parcerias voltados ao acolhimento de estudantes indígenas. Para compreender sua trajetória com maior profundidade, apresentam-se as falas daqueles(as) que vivenciaram a experiência concreta de integrar o MEIAM. Dessa forma, torna-se possível mergulhar em sua história e compreender, por meio da oralidade dos(as) interlocutores(as), as motivações, as ações e as consequências que contribuíram para a consolidação do movimento no cenário político regional e nacional.

A partir do processo de redemocratização do Brasil, jovens indígenas do Alto Rio Negro reuniram-se para discutir, inicialmente, formas de acompanhar e cuidar dos(as) parentes indígenas que se deslocavam para Manaus em busca de "melhores condições de vida", incluindo a continuidade na educação básica e o acesso ao ensino superior. Nesse contexto, surgiu a necessidade de organização coletiva para conquista desses objetivos, conforme afirma PARENTE_4, ex-coordenador do MEIAM:

> *[...] no final da década de 80, pra 88-89, os parentes começaram a migrar de seus municípios, das suas aldeias pra Manaus, em busca de cursos né, formação, educação de nível superior técnico na época que até então não tinha nenhuma política né, o movimento não era tão organizado quanto hoje, então não tinha nada. Pessoal do Rio Negro né, chegaram em Manaus eles já depararam com outros estudantes de outras regiões que tavam com mesmo objetivo, pessoal do Alto Solimões, Médio Solimões, Baixo Amazonas, Madeira. Aí como eles viram que o objetivo era o mesmo eles se juntaram né, pra construir essa organização de movimento estudantil, que iria se tornar o MEIAM né* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

Nessa época, surgiram outras organizações indígenas que estabeleceram parcerias com os(as) estudantes, entre elas, destacam-se a Associação de Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN) e a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). Percebe-se, então, que a ideia do MEIAM foi gestada quando outros grupos indígenas também se organizavam para reivindicar os direitos garantidos na nova Constituição brasileira, como afirma um dos fundadores do movimento, PARENTE_3:

> *[...] partimos a partir da necessidade, né, então é a gente acabamo se ajuntando com movimentos indígenas e cada qual se estava fazendo movimento, né, por*

> *exemplo as mulheres fizeram movimento também AMARN, né, porque elas vinham como empregadas, né, pra ficar aqui em Manaus, então eles também se organizaram. Aí nesse momento, também movimento indígena da COIAB surgiu também né. As próprias lideranças pediram a gente pensar também como é que os jovens indígenas podiam se organizar pra trabalhar é... junto com eles, né, aí o que nós pensamos? Pensamos organizar estudantes indígenas [...]* (Recolha de narrativa realizada em 30/04/2025).

Observou-se, nesse período, o deslocamento de indígenas oriundos do interior do estado para Manaus. Esse movimento configurou-se como uma das principais motivações para o surgimento de coletivos, uma vez que esses sujeitos compartilhavam necessidades e enfrentavam dificuldades semelhantes ao se estabelecerem na capital. Diante desse cenário, as lideranças indígenas buscavam não apenas assegurar melhores condições de vida para esses indivíduos, mas também para as futuras gerações, em um esforço de "construção de sua própria história, marcada pela resistência étnica" (Taukane, 2001, p. 20).

No caso dos(as) estudantes, muitos chegavam à capital com o objetivo de concluir o ensino médio e cursar o ensino superior, no entanto, as dificuldades financeiras e de moradia, bem como o preconceito vivenciado dentro e fora das instituições, afetavam seu desempenho acadêmico, prejudicando sua formação, como relata a entrevistada PARENTE_1, também ex-coordenadora do MEIAM:

> *[...] os estudantes que vinham pra cidade de Manaus, eles moravam em casa de família, as vezes davam pra eles irem pra escola, as vezes não dava, então as vezes as pessoas que acolhiam eles, é, mandava eles fazerem outros trabalhos, que as vezes eles não... não tinha tempo de fazer o trabalho dele... de aula, né. Esse foi o depoimento deles que a gente conseguiu naquela época acolher, né* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

Essa fala revela que esses indivíduos eram colocados em posição de dependência e vulnerabilidade ao terem de se abrigar em casas de terceiros. Muitas vezes, acabavam realizando trabalhos domésticos que comprometiam seu tempo de estudo. Essa situação motivou iniciativas como a aquisição de uma casa para acolher esses(as) estudantes, bem como a defesa de políticas inclusivas nas instituições de educação que garantissem a permanência e a formação desses jovens.

Com vistas a essas futuras conquistas, o grupo de jovens indígenas do Alto Rio Negro, ao mobilizar outros(as) estudantes de diferentes regiões do Amazonas, articulou-se com outros povos e criou uma rede de conexão, como conta PARENTE_2:

> *Como naquele tempo era começo ainda, era difícil tá mobilizando, aí começaram a pensar, a discutir, fazer assembleia e depois pensaram que só pessoal do alto Rio Negro não ia ter a força pra discutir, aí juntaram o outro grupo que é povo Sateré. Aí depois do Sateré, juntaram os povo Tikuna, aí esses, esses tripé da... dos povo indígena do alto Rio Negro, alto Solimões, baixo amazonas pensaram criar o Movimento do Estudante Indígena do Amazonas, que hoje é MEIAM* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

As ações voltadas à mobilização da juventude, especialmente por meio da criação do MEIAM, configuraram-se como estratégias fundamentais para a consolidação do coletivo. As festas e os encontros promovidos não apenas geravam vínculos de pertencimento e laços de amizade, mas também funcionavam como espaços de articulação política e fortalecimento identitário. Assim, observa-se que o grupo inicial se organizava de forma estratégica, com o objetivo de ampliar e consolidar os vínculos entre os(as) jovens participantes, configurando-se como uma prática política que fortalecia o movimento nascente e que, segundo Taukane (2001, p. 19), "é um ato de reconhecimento dos direitos indígenas e das singularidades".

A primeira mobilização dos(as) jovens indígenas ocorreu em 1989, em Manaus, e revelou uma questão existencial em um momento agitado para a população indígena brasileira. As tensões giravam em torno do seguinte apontamento: "quem somos nós?" Tal indagação constituiu um chamado à articulação política, promovendo a visibilidade das causas dos(as) estudantes indígenas, PARENTE_3 relata esse momento da seguinte forma:

> *Naquela época era muito difícil ser indígena, né, porque tava mudando estatutos, coisas [inaudível] então título do nosso encontro foi assim "quem somos nós?" né, e a prestação dos valores tals e mudanças, todo esse processo, a discussão dos estudantes indígenas começou por aqui "quem somos nós?" nós perguntamos né, pra sociedade geral, para Brasil né, então quer dizer porque muita gente, você sabe que no passados anteriores, porque muita gente não consideraram indígena como pessoas né, tratava como os animais, como menos inteligente, colocava muito na marginalidade né, entendeu, então a gente fizemos esse questionamento "quem somos nós?" [...]* (Recolha de narrativas realizada em 30/04/2025).

Neste contexto, o coletivo indígena demostrou que reafirmar a própria identidade constitui um caminho para a reparação histórica e para a transformação de mentalidades, pois contribui para o reconhecimento das próprias experiências e para o enfrentamento dos medos gerados por uma cultura opressora, possibilitando a manifestação de seus ideais sem

receio de julgamento. Para iniciar esse longo caminho de conscientização política e étnica, o coletivo discutiu as dificuldades de ser indígena na sociedade brasileira.

Após alcançar a visibilidade almejada, o coletivo passou a se organizar de forma mais estruturada. Em 1993, foi oficialmente fundado o MEIAM, com a eleição da primeira coordenadora, como é contado por PARENTE_1 *"[...] hoje eu tenho 50, de buraco! Não conta pra ninguém! É... mas na época que eu assumi o MEIAM como a primeira coordenadora [...]"* (Recolha de narrativas realizada em 28/01/2025). Em 1994, ocorreu a primeira assembleia, realizada na Arquidiocese de Manaus:

> *[...] naquela época a gente tinha parceria com a diocese de Manaus, essa reunião foi ali na Maromba, e a gente reuniu vários indígenas lá, né, pedimos espaço dos padre, eles deram pra gente e a gente fez a primeira assembleia do MEIAM [...]* (PARENTE_1. Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

Além de outras organizações, a Igreja Católica teve participação direta na formação do MEIAM, ao ceder espaços para reuniões, disponibilizar membros para colaborar com o movimento e oferecer apoio financeiro para a aquisição da Casa dos Estudantes Indígenas, financiada pela ONG internacional MISEREOR, quatro anos após a criação do MEIAM, em 1997, conforme relata PARENTE_1:

> *[...] Passou-se é... quatro ano, em quatro anos nós conseguimos fazer um projeto, pela Misereor, né, não sei se falo certo Miserior. É, conseguiu aprovar o projeto pra compra da casa, a gente procuremo, procuremo nos bairro todo, nossa equipe, né, e aí a gente achemo ali no Parque 10, onde tá localizado hoje o MEIAM [...]* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

Dessa forma, considera-se que a Igreja Católica foi fundamental no processo de consolidação do MEIAM, pois contribuiu para a continuidade do movimento por meio da aquisição da Casa dos Estudantes Indígenas. Esse apoio inicial possibilitou que o MEIAM dispusesse de seu próprio espaço de articulação e contribuiu para seu fortalecimento e estruturação. Assim, a compra da Casa foi um marco importante no processo de organização política e de acolhimento, pois, a partir de então, os estudantes passaram a contar com um espaço para moradia e reuniões, como afirma PARENTE_4:

> *[...] eu acho que a primeira conquista relevante que a gente tem até hoje é a nossa casa, a casa dos estudantes do MEIAM, que é lá no Parque 10, que é um imóvel próprio né [...] e que recebia os estudantes vindos do interior, por não tinha onde ficar maioria né, então ficava ali, então e a partir dali eles já tinha*

> *local pra reunir, pra receber quem vinha de fora [...]* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

Essa conquista abriu outros caminhos e possibilidades para os membros do movimento, criaram-se condições necessárias para a realização de reuniões e para acolhimento de novos integrantes. Dessa forma, passaram a ser planejadas e implementadas políticas de inclusão voltadas aos(às) estudantes indígenas, destacando-se a implementação das cotas na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), em 2004, que representou outro ato estratégico na trajetória do MEIAM, como contou PARENTE_4:

> *[...] depois da casa, casa dos estudantes, acho foi o mais importante, a lei de cotas lá 2000/94 de 2005 ou 2004 não tô lembrado agora, que reservou aquele número de vagas né, 0,5% de números de vagas para estudantes indígenas do Amazonas, que garantiu, de fato, uma política de ingresso [...]* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

Essas duas realizações constituíram bases importantes para mostrar a presença política do movimento e, por meio delas, o MEIAM passou a conquistar maior reconhecimento no interior das universidades, ampliando os benefícios destinados aos(às) estudantes indígenas.

A partir das falas compartilhadas, é possível perceber a relevância do MEIAM no apoio e acolhimento desses(as) estudantes, bem como as estratégias adotadas por suas lideranças para fortalecer e promover o crescimento do grupo. Por meio de ações diversas, o movimento contribuiu para afirmar a presença indígena nas universidades do Amazonas, ampliando as oportunidades de acesso a uma formação mais justa, inclusiva e socialmente comprometida.

MEIAM e seu Papel Étnico-Político

Diante das dificuldades enfrentadas pelos(as) estudantes indígenas que chegavam à capital para estudar, a articulação das lideranças do Rio Negro foi essencial para assegurar a representatividade étnico-política no interior das instituições de ensino superior em Manaus. Ao se unirem a outros povos provenientes de distintas regiões do estado, realizaram uma ação estratégica que possibilitou a ampliação da participação no movimento e o fortalecimento de suas vozes na sociedade, chamando a atenção de organizações que, futuramente, se tornariam parceiras apoiadoras do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM).

Essas parcerias foram fundamentais na formação inicial do movimento, sobretudo diante das dificuldades de comunicação devido a diversidade linguística, uma vez que muitos estudantes não falavam português e outros apresentavam dificuldade em compreendê-lo. A Igreja Católica e outros parceiros ganharam destaque nesse processo organizativo, contribuindo para divulgação dos interesses étnico-políticos junto à sociedade envolvente. As cooperações foram decisivas no ganho de reconhecimento político e fortalecimento de sua imagem institucional, como relata PARENTE_4:

> *[...]trazer uma pessoa que estudou no básico né, no interior pra ter uma discrepância assim de realidade é muito grande, imagina a época de 89-90, eles nem falavam português direito, não tinha, tipo, nenhuma tipo de receptividade, foi bem difícil né. Então pra construir a gente teria que contar com outros parceiros, a igreja, os professores [...]* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

É notório que as pessoas indígenas vivem sob diferentes formas de violência que afetam seus modos de vida, resultando no medo de se expressarem em virtude do preconceito e da discriminação, a vez que ser indígena ainda é associado, no imaginário social, à incivilidade e à marginalidade em uma sociedade historicamente forjada pelo sistema-mundo eurocêntrico e racista. Assim, como PARENTE_1 afirma, essa violência persistia dentro do próprio território indígena, gerando medo e indiferença em relação às questões políticas, como o projeto de educação escolar:

> *[...] então eu vejo que já existia povos, Tarianos, Sateré, Kokama, Tikuna, mas só que não se manifestavam, infelizmente não se manifestavam, medo, preconceito, né, depois eu fui compreender por que esse medo, por que esse medo de dizer "eu sou indígena do povo Kokama", "sou indígena do povo Sateré Mawé", "Sou do povo Tikuna", porque dentro dos territórios deles, eles praticamente vieram com esse receio, porque... dentro do próprios territórios eram discriminados e mortos [...]* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

Em consonância com a fala de PARENTE_4, é possível compreender, a partir de PARENTE_1, as dificuldades de politização dos parentes que chegavam em Manaus. O limitado conhecimento que possuíam acerca de si mesmos e de seus direitos como cidadãos brasileiros era resultado de violências vividas anteriormente. Tal compreensão dialoga com o que assevera Luciano (2019, p. 200), do povo Baniwa, ao afirmar que esse processo decorre "da

fase cruel do período colonial, que levou os povos indígenas à profunda baixa autoestima e negação de sim mesmo".

Dessa forma, o MEIAM inicia sua trajetória com a missão de transformar essa realidade marcada por processos de negação e vergonha identitária. Nesse cenário, o MEIAM assume o papel de promover a formação étnico-política dos(as) jovens indígenas oriundos(as) de diversas regiões do Amazonas, a fim de que pudessem lutar juntos por uma educação mais inclusiva. Buscava-se, assim, enfrentar o medo que carregavam e substituí-lo pelo orgulho de suas identidades étnicas, conforme assevera PARENTE_1:

> *[...] quando a gente começou a trabalhar a mente, nós fomos dizer oh "se a gente não resistir, se a gente não se impor pro governo a gente nunca... a gente nunca vai sair debaixo do pé do governo." E aí começou a nós lutar, né, no movimento indígena, se unir com outros movimentos pra poder a gente criar força política, eu chamava eles "bora, bora comigo porque só eu não posso conseguir, vamos conseguir junto [...]* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

Atualmente, o MEIAM é reconhecido e mantém parcerias com as universidades de Manaus, em razão dos esforços coordenados de suas lideranças, que lutaram e resistiram com coragem e consciência crítica acerca da necessidade de organização do coletivo indígena para formar e ocupar espaços públicos, avançando no controle político de questões de seus interesses. Em outras palavras, o movimento contribuiu para consolidar, no horizonte dos(as) jovens indígenas que o compõem, a necessidade de autonomia, compreendida a partir de duas dimensões, conforme indica Luciano (2019, p. 202), "uma no controle da vida e outra no mundo e poder do Estado".

Inicialmente, o MEIAM ocupou e consolidou sua presença na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), assim como reforça PARENTE_2 *"[...] nós sempre pressionamos diretamente a UEA dos nossos interesses [...]"* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025). Destaca-se, nesse contexto, a questão das cotas indígenas na referida universidade, que figurou entre das principais reivindicações do movimento. Contudo, por parte da UEA, a agenda não foi bem recepcionada pela administração superior, como é relatado por PARENTE_1:

> *[...] a gente enfretemo um grande preconceito na hora das cota, né, quando fui... fui com o reitor, né, num lembro o nome dele, logo depois da minha, a, que eu fui eleita como coordenadora, né, eu fui atrás das cotas também "consegui*

> *uma casa, agora vamos atrás das cota" e aonde ele me falou que eu era uma "doida" que eu era uma "louca" que ele não ia dar as cota porque... porque se ele desse pra "índio" ele ia ter que dar po ribeirinho, pos quilombola, eu falei "só que a gente tá pedindo aqui é uma indígena, né, nós não vamos todo tempo ficar no nosso território, nós vamos sair do nosso território e nós vamos querer fazer faculdade, pode não ser eu agora, né, mas pode ser meus filhos, meus neto, que vão querer fazer uma faculdade [...]* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

A fala revela preconceitos e desconhecimento acerca das políticas afirmativas por parte de representantes da administração superior nas primeiras reitorias da UEA, que se valiam de sua autoridade para desconsiderar as necessidades dos parentes indígenas. Também podemos notar, por parte das lideranças, que existia um trabalho pensado não apenas para o presente ou para demandas imediata, mas orientado por uma projeção de um possível futuro voltada às gerações seguintes. Tal perspectiva evidencia a preocupação dos fundadores do MEIAM em relação ao vindouro dos(as) jovens indígenas, como é possível perceber no recorte supracitado.

Também é relatado, vale destacar, que os primeiros membros do MEIAM não eram estudantes universitários, contudo, demonstravam preocupação com as dificuldades que outros(as) jovens enfrentariam ao tentar ingressar o ensino superior em Manaus. PARENTE_2 nos conta que *"[...] mesmo não tá dentro da faculdade eles se preocupava como se fosse acadêmicos indígenas. Não tá... esses criaram não tava na universidade [...] nunca foram universitários [...]"* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

Em outras palavras, o MEIAM mobilizou-se para garantir melhores condições àqueles(as) que se mudavam para Manaus no início da década de 1990, ao mesmo tempo em que atuou na formulação e reivindicação de políticas públicas voltadas às futuras gerações. Esse cuidado com a juventude indígena encontra-se alinhado à preocupação expressa por Luciano (2006, p. 84):

> Na atualidade, a principal dificuldade dos povos indígenas é manter e garantir os direitos já adquiridos, além de lutar por outros direitos que ainda precisam ser conquistados para consolidar a perspectiva étnica de futuro, enterrando de vez a ameaça de extinção desses povos.

Atualmente, é possível observar a presença indígena nas universidades graças ao movimento, que conquistou políticas voltadas a esse grupo. Destacam-se, nesse processo, a implementação das cotas na UEA e a aquisição da Casa dos Estudantes Indígenas, iniciativas

que desempenharam papel essencial na ampliação do acesso e no acolhimento daqueles(as) que não dispunham de moradia. O MEIAM continua trabalhando sob a mesma perspectiva de garantir melhores condições aos(às) jovens indígenas e de formar novas lideranças, conforme afirma PARENTE_2: *"[...] MEIAM é um laboratório científico, um laboratório de formação de liderança e um laboratório acadêmico profissionais [...]"* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025). A formação étnico-política se dá nas bases da juventude da seguinte maneira:

> *[...] a MEIAM tem esse papel de articular e fortalecer o juventude, juventude vim preparado no movimento indígena, fortalecendo o indígena quando tá ingressando na universidade. Essa é a perspectiva do MEIAM [...]* (PARENTE_2. Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

Mesmo após anos da criação do movimento, essas ações ainda se fazem necessárias, pois a presença indígena é rejeitada no interior das universidades. Todas as políticas conquistadas foram resultado da luta e da insistência do movimento juntos aos reitores das instituições públicas de ensino superior do Amazonas – a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e o Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Entretanto, PARENTE_2 nos revela que:

> *[...] A presença indígena na universidade não é totalmente bem-vinda, você sabe como que é, você tá sendo visto pela uma brechinha da janela, não totalmente universidade abre a porta, as vezes ele troca fechadura, por isso que ele tem que tá... MEIAM começar discutir e propor uma política sempre... política acadêmica indígena nas universidade, sem política afirmativa específica, universidade sempre vai tá fechado e mesmo assim olho aberto ele vai tá dormindo na frente dos alunos indígenas, por isso que o papel do MEIAM discutir e propor e mobilizar o direitos acadêmicos indígenas do estado do amazonas [...]* (Recolha de narrativas realizada em 11/04/2025).

Apesar desses entraves, o movimento busca estar presente em todas essas instituições, pois, como foi dito, sem essa representatividade, elas se fecham aos corpos indígenas. Para evitar que isso aconteça, o MEIAM trabalha arduamente na conscientização e na divulgação de suas ações, buscando ampliar as parcerias e sua presença nesses espaços, resistindo, uma vez que, como aponta PARENTE_2, *"o indígena não é totalmente visível, é invisível dentro da Ufam, da Uea, do Ifam e demais universidades"* (Recolha de narrativas realizada em 11/04/2025). Em consonância com PARENTE_2, Cabixi (2001, p. 59), do povo Pareci, afirma que:

> O acesso a faculdade é para que nós, indígenas, pudéssemos ter a capacidade mais eficaz de atuarmos juntos, mais coletivamente, com maior eficiência e um maior resultado na nossa interferência, na nossa atuação junto aos nossos povos, juntos às nossas escolas e junto às nossas organizações. Eu acho que é essa uma estratégia que tem que ser adotada por nós.

Essas discussões ocorrem por meio de palestras, eventos, reuniões na Casa dos Estudantes Indígenas e rodas de conversa na universidade, contando com parceiros internos – como o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFAM (PPGAS), que colabora na realização de eventos no local. PARENTE_4 relata que: *"[...] quando tem eventos pessoal tá sempre fazendo pintura, expondo seus artesanatos, suas danças e na UEA também não é diferente [...] a gente tá ali na universidade, mesmo as vezes ela não querendo. [...]"* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

Atualmente, a presença indígena é constante nessas instituições. O MEIAM ocupou um espaço importante e representativo, com a implementação da cota indígena e a aquisição da Casa, puderam-se notar avanços. O objetivo do movimento, agora, é manter esse ritmo e ampliar as possibilidades. Na UEA, sua presença parece ser mais expressiva, enquanto, na UFAM e no IFAM, vive-se um momento inicial de conquistas. PARENTE_4 reforça essa afirmação:

> *[...] MEIAM conquistou o espaço politicamente, tem sua sede, né, após isso começaram a discutir a importância da resolução lá na UEA, foi a participação do comitê, o maior avanço foi esse participação da comitê dentro da UEA, próprio indígena ser coordenador da questão indígena. E aqui na UFAM nós tamo começando a discutir o espaço, esse seria até a gente conseguir um avanço, conseguir um espaço de convivência acadêmico indígena, é uma política externo do MEIAM junto com a universidade [...]* (Recolha de narrativa realizada em 23/05/2025).

Dessa forma, ao nos debruçarmos sobre essas narrativas, perguntamo-nos como que tudo isso impactou, de forma objetiva e subjetiva, a vida daqueles(as) fizeram parte desse movimento.

MEIAM e seus Impactos

O Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) protagonizou importantes conquistas que impactaram significativamente a vida dos(as) acadêmicos(as) indígenas das universidades e faculdades da cidade de Manaus. Na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), em especial, o movimento alcançou maior reconhecimento e espaço político. Nessa instituição, logrou a criação de um comitê específico para discutir questões

relacionadas à educação indígena no ensino superior: o Comitê Gestor de Políticas Indigenistas da UEA (CGPIND).

Ao ser questionado sobre o papel do MEIAM no acolhimento dos(as) acadêmicos(as), PARENTE_2 entende que o movimento pavimentou o caminho para a participação do(a) estudante indígena em sua luta por formação, por acesso, por permanência e por conclusão no ensino superior. O movimento encoraja os parentes a defenderem suas identidades étnicas, sem receio de demonstrar quem são e de discutir suas histórias, culturas, conhecimentos e ancestralidades. Pauta, ainda, a valorização étnica no espaço universitário, promovendo uma formação humana e buscando ampliar os conhecimentos étnico-políticos dos(as) acadêmicos(as) em relação à necessidade de lutar por seus direitos, visando à reparação histórica:

> *[...] o MEIAM tem essa finalidade de mostrar pros acadêmicos que tão na nível ensino médio de preparar o caminho onde ele quer chegar, através de eventos, através da discussão, através de seminário, através das palestras, através do evento culturais, e isso fica... a perspectiva do MEIAM é isso, mostrar esses manifestação acadêmicas e esses manifestação cultural [...]* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

O MEIAM desempenha um papel fundamental ao promover o diálogo e o fortalecimento identitário por meio de encontros que envolvem partilhas de comida, bebidas e conversas, práticas presentes desde suas primeiras ações. Esses gestos, ainda que simples, têm grande impacto, pois estimulam a participação dos jovens em eventos, na organização do movimento e em seus próprios territórios, como aponta PARENTE_2:

> *[...] ante era pouco difícil, próprios indígenas se escondiam muito a usar seu adorno, falar quem é, agora vem essa facilidade de se auto identificar como os indígenas. O MEIAM faz evento semanalmente, pra dialogar, pra conversar, pra informar, esse reunião semanal, né, as vezes a gente faz... hm... leva comida, faz esses ritual de diálogo, a importância da cultura, ele... esses jovens do MEIAM eles se sente motivado, eles começa participar pros outros eventos, eles começam participar pros outros organizações ou ele convive mais com a base, aí ele sente motivado [...]* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

Aproximar jovens do grupo e acolhê-los(as) com atos gentis é uma marca do movimento. Destaca-se esse papel estratégico, que abraça a todos(as) que desejam participar e promover o bem-estar no MEIAM, *"[...] agora muito jovens começa vestir a camisa do*

movimento indígena, como a fortalecer movimento pra discutir a política acadêmica [...]" complementa PARENTE_3 (Recolha de narrativa realizada em 30/04/2025).

Como consequência, o movimento transformou a vida de muitos(as) jovens, que hoje se orgulham de atuar junto ao MEIAM, fortalecendo as discussões étnico-políticas e participando ativamente dos eventos formativos. O MEIAM consolidou e ampliou uma rede de articulações e forças políticas, contando, em sua composição, com a participação ativa de jovens indígenas provenientes de diferentes calhas dos rios do estado do Amazonas. No entanto, ainda de acordo com PARENTE_2:

> *[...] quando o evento de formação ou seminário 50% eles participam, não só do que tão morando aqui em Manaus, mas vem também lá de base, vem de longe, lá do Rio Purus, Umarugu vem de lá, por isso que é pra facilitar o nosso diálogo com juventude, por isso a gente incentiva eles criarem uma rede de juventude, pra eles ter acesso também a formação e também ter acesso de financiamento desse rede de comunicadores indígenas acadêmicos [...]* (Recolha de narrativa realizada em 11/04/2025).

Essa fala revela que, apesar dos avanços alcançados, o fortalecimento da rede ainda enfrenta obstáculos expressivos, especialmente em virtude das condições geográficas do Amazonas. As grandes distâncias entre as comunidades e a dependência das rotas fluviais dificultam a participação contínua dos(as) jovens nos encontros presenciais. Tal contexto demonstra que, embora o MEIAM já tenha consolidado um espaço relevante de diálogo e formação política, persiste a necessidade de ampliar as estratégias de comunicação e apoio, de modo a garantir que estudantes de localidades mais distantes em relação a Manaus também possam se engajar plenamente nas atividades do movimento.

Os desafios do contexto amazônico afetam diretamente a participação e as trajetórias de muitos(as) jovens, especialmente daqueles(as) que se deslocam para Manaus em busca de formação e continuidade de seus projetos de vida. Ao deixarem suas comunidades, esses(as) estudantes enfrentam a difícil tarefa de reconstruir laços e reafirmar suas identidades étnicas em um ambiente urbano permeado por intensos contrastes socioculturais e econômicos. Cabixi (2001, p. 57) relata sua experiência e o impacto de seu deslocamento:

> [...] eu não tive oportunidade de crescer junto com a minha mãe, com os meus parentes, com os meus tios, com os meus avós, com os meus bisavós, na aldeia, e isso criou uma ruptura muito grande em termos do meu conhecimento das tradições do meu povo. Foi uma perda da qual eu me ressinto muito [...].

São inúmeros aqueles(as) que chegam à capital e passam pela experiência de ter que reexistir em uma metrópole totalmente diferente de suas realidades ancestrais. PARENTE_4 relata sua própria experiência como estudante indígena vindo do interior:

> *[...] pra quem vem do interior existe um choque né de realidade, porque é outra cultura, nossa! Ele sempre buscou ser esse elo de apoio, de acolhimento, de ouvir [...] estava longe de casa, longe da família, o MEIAM me aproximou dessas pessoas, me trouxe pro grupo para que não ficar sozinho né, mesmo a gente fazendo isso ainda ocorre muito parentes desistem, a questão do alcoolismo, suicídio, que agora tá muito forte né [...]* (Recolha de narrativa realizado em 23/05/2025).

Esse recorte revela as dificuldades dos(as) estudantes que vêm do interior do estado e que, ao chegarem à capital, passam por um choque cultural, no qual alguns acabam enfrentando obstáculos emocionais e psicológicos desafiadores, que podem levá-los ao uso de drogas e a outros atos extremos, como o suicídio. Essa narrativa nos faz refletir sobre necessidade de pensarmos na saúde mental dos(as) estudantes indígenas e no apoio necessário a esses grupos que vêm de realidades complexas – nas quais as viagens de barco demoram dias – e em que as distâncias geram saudades, angústias e solidão.

Esses(as) estudantes em situação de instabilidade emocional necessitam de uma estrutura afetiva de acolhimento, e o MEIAM trabalha nessa questão, buscando aproximá-los(as) para que não se sintam sozinhos(as) e façam parte de um movimento que luta por questões comuns aos interesses originários. O PARENTE_1 compartilha os sentimentos de quem passou por essa experiência: *[...] você tá sozinho e vem de fora, a primeira coisa que quer é ir embora, mas, quando encontra alguém que tem as mesmas dificuldades, você se sente fortalecido [...]* (Recolha de narrativa realizada em 28/01/2025).

O MEIAM tornou-se crucial para que os(as) estudantes se sintam pertencentes ao mundo acadêmico, que, muitas vezes, mostra-se como um espaço hostil ao corpo indígena. É nesse lugar de afirmação étnica que surgem amizades, tornando-se um esteio afetivo e auxiliando em questões sociais e psicológicas. A Casa dos Estudantes Indígenas, por exemplo, impactou objetivamente a vida dos(as) acadêmicos(as), sendo uma das maiores conquistas do movimento.

Foi graças a ela que muitos(as) jovens puderam se formar na universidade. Trata-se de um lugar de acolhimento, um espaço político e de construção histórica, marcando a vida daqueles(as) que passaram por ali. Assim como recorda PARENTE_3:

> *[...] a casa ajudou muito permanecer estudando né, no início que a casa foi comprada não acolheu só universitários né, acolheu também aquelas pessoas que vinham fazer cursos profissionais né, de saúde, de técnica, de várias outras profissões né [...]* (Recolha de narrativa realizado em 30/04/2025).

Dessa forma, não é difícil concluir que muitos(as) estudantes que passaram pelo MEIAM conseguiram concluir seus estudos, sobretudo no ensino superior. Atualmente, ocupam cargos profissionais e políticos diversos na sociedade envolvente, como exemplifica PARENTE_3: *"[...] O MEIAM deu um fruto bastante grande né, eu vejo aquelas pessoas que moraram na casa, são advogados, alguns desembarcadores, alguns são doutores né [...]"* (Recolha de narrativa realizada em 30/04/2025).

Percebe-se, assim, que algumas lideranças indígenas que integraram o MEIAM continuam, até hoje, promovendo e fortalecendo a causa dos povos originários em diferentes espaços, tanto no âmbito local quanto nos âmbitos nacional e internacional. Muitos desses sujeitos, formados pela experiência coletiva do movimento, tornaram-se referências em suas comunidades, nas universidades e em instituições públicas, atuando na defesa de políticas educacionais, culturais e territoriais voltadas aos povos indígenas.

Considerações Finais de uma Caminha Coletiva

Tendo em vista o objetivo geral deste estudo - compreender o processo de organização do MEIAM e os impactos na vida dos(as) acadêmicos(as) indígenas - foi possível sistematizar os achados a partir da recolha de narrativas, a ponto de considerar que o Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (MEIAM) tornou-se uma estratégia étnico-política necessária para a recepção, acomodação, sincronização e formação política dos(as) parentes que precisam se deslocar de seus territórios para acessar a educação básica e o ensino superior na cidade de Manaus/AM.

O MEIAM aprendeu e criou táticas de resistência e luta contra-hegemônicas, organizando-se e ocupando espaços estratégicos de decisão política no estado do Amazonas. O movimento demonstrou autonomia em seus objetivos, potencializando parcerias para avançar em suas conquistas. Foi dessa forma que conseguiu, junto à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a implementação de cotas para estudantes indígenas. Por meio de parcerias internacionais, adquiriu a Casa dos Estudantes Indígenas, possibilitando que estes(as) tenham condições de permanecer e concluir o ensino superior.

São inúmeros(as) os(as) estudantes que já fizeram parte do MEIAM e vivenciaram experiências no movimento, sendo notório perceber os impactos, objetivos e subjetivos, que ele causou em suas vidas, como nos casos de jovens que concluíram a graduação e hoje atuam como profissionais em diversas áreas, além de outros(as) que continuam lutando no e com o movimento.

O MEIAM continua trabalhando arduamente para acolher e mobilizar mais jovens indígenas a participarem de palestras, rodas de conversa, seminários e outras ações que visam criar vínculos de identificação e amizades entre os(as) estudantes. Dessa forma, o movimento não é apenas sinônimo de luta por causas comuns aos povos originários, mas também se constitui como um ato de amor e acolhimento, no qual pensar no próximo, em suas dificuldades e nas futuras gerações, torna-se motivo para esperançar.

Assim, o MEIAM consolidou-se como um movimento estratégico de base, comprometido com a luta por melhores condições de vida para os(as) parentes indígenas. Mais do que um movimento político, configura-se também como um espaço de acolhimento, refúgio e continuidade das histórias e conhecimentos étnicos. Torna-se evidente que a experiência vivida no movimento transcende o campo político-organizativo, gerando impactos profundos – tanto objetivos quanto subjetivos – na construção das identidades, nas trajetórias acadêmicas e no fortalecimento das lutas coletivas dos povos indígenas no estado do Amazonas.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 3 ago. 2025.

CABIXI, Daniel Matenho. Educação escolar entre os Pareci, Nambikwara e Irantxe no contexto socioeconômico da Chapada dos Parecis – MT. *In*: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés (org.). **Questões de educação escolar indígena:** da formação do professor ao projeto de escola**.** Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001. p. 57–70.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean; Et all. **A pesquisa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

DUSSEL, Enrique. **1492:** o encobrimento do outro: a origem do "mito da modernidade". Conferências de Frankfurt. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

ESTÁCIO, Marcos André Ferreira. **As quotas para indígenas na Universidade do Estado do Amazonas**. Manaus: EDUA, 2014.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, LACED, 2019.

MOVIMENTO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DO AMAZONAS. MEIAM (1995). **Projeto Bienal**: manutenção, articulação e estruturação – 1996 e 1997. Manaus, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

TAUKANE, Darlene Iaminalo. Avanços e impasses na educação escolar indígena: a experiência Kurâ-Bakairi. *In*: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés (org.). **Questões de educação escolar indígena:** da formação do professor ao projeto de escola. Brasília: FUNAI/DEDOC, 2001. p. 13–23.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Sobre os autores

Lucas Antunes Furtado
Professor do Departamento de Teoria e Fundamento (DTF), da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Amazonas. Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), do Instituto de Ciências da Educação (ICED), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Estudos Pós-Críticos e Decoloniais (GRUPED). Pesquisador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo, das Águas e das Florestas nas Amazônias (GEPERUAZ).
E-mail: lucasfurtado@ufam.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5782-7584

Adriane Lemos dos Santos
Discente do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos Pós-Críticos e Decoloniais (GRUPED). Monitora da disciplina Antropologia e Educação.
E-mail: adriane.lemos@ufam.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-5156-6194

Recebido em: 17/11/2025
Aceito para publicação em: 07/02/2026